

Marcas da desconstrução da cultura indígena brasileira nas obras Iracema e Macunaíma

Valdivina Telia Rosa de Melian³⁵

Universidade Federal do Tocantins (UFT)

Resumo

Neste artigo, objetivamos discutir o processo de racionalização da cultura indígena brasileira imposto pelo colonizador português. Para tanto, serão elencadas as práticas das relações sociais e culturais presentes na literatura romântica de José de Alencar em Iracema e na literatura moderna de Mário de Andrade em Macunaíma. As duas obras são parte do cânone brasileiro publicadas em momentos históricos diferentes, porém, ambas representam o período pós-colonial de busca pela representação de uma identidade literária brasileira. Nessa perspectiva, analisamos as formas de relação do explorador com a cultura, raça e a religião do outro – o explorado. Para essa análise julgamos necessário realizar uma leitura sócio-histórico mediante o pensamento decolonial. Assim, compreendemos que a descolonização do pensamento perpassa pela valorização da cultura local em detrimento da cultura exógena, promovendo o reconhecimento dos saberes e desconstruindo as leituras homogêneas do pensamento universalista abstrato.

Palavras-chave

Cultura indígena. Literatura. Racionalização. Formação de identidade.

Introdução

³⁵ Doutora em Letras- Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), possui Mestrado em Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Tocantins - PPGL/ UFT. E-mail: teliarosa@hotmail.com.

“En otros términos, raza e identidad racial fueron establecidas como instrumentos de clasificación social de la población”.
(Aníbal Quijano)

Pensar uma literatura descolonizada se impõe, pois, a literatura brasileira realizada no período colonial. Embora já se houvesse chegado à independência do Brasil, essa literatura ainda apresentava uma visão estereotipada do indígena e do negro, enquanto humano livre para exercer os seus deveres e usufruir de seus direitos. Essa ideia colonizadora de que o indígena é selvagem e de que o papel do negro na sociedade é servir com seu trabalho braçal, que ambos são incapazes de pensar, de agir de uma forma considerada “civilizada” favorecia e ainda favorece os processos de dominação e exploração social.

A colonialidade do poder é um *continuum* da colonização, visto que mesmo no período pós-independência das colônias, a cultura e o saber dos povos explorados continuam sendo negligenciados. Há pouco ou nenhum respeito ou reconhecimento pelas formas culturais, religiosas ou sociais indígenas e negras. Esse pensamento de cultura superior desenvolvido pelo colonizador europeu por meio da classificação social e da racialização perdura por meio do racismo epistêmico.

Desse modo, a literatura brasileira do período romântico está mais influenciada pelos padrões europeus ou euramericano do que a literatura moderna brasileira que se apresenta como uma forma de valorizar a cultura local. Importa dizer que para romper com formas preconceituosas ou padronizadas faz-se necessário ter um pensamento decolonial em relação a esses arquétipos. Por este viés, propomos analisar neste trabalho, o modo como a cultura indígena brasileira é racionalizada pelo colonizador europeu, a partir dos romances *Iracema* de José de Alencar e *Macunaíma* de Mário de Andrade.

Durante o século XIX, o movimento Romântico brasileiro encontrou solo fértil em um Brasil pós-independência. Um momento em que o país buscava construir sua identidade cultural com ênfase na valorização de suas particularidades regionais. A formação da identidade brasileira se inicia com o processo de colonização e dominação dos povos indígenas. Nesse sentido, a configuração da identidade de um herói na literatura romântica, ainda que em busca de um modelo identitário que representasse o povo brasileiro, foi inspirada no cavaleiro medieval por influência da literatura europeia.

De todo modo, a proposta era desenvolver uma estética nacional a partir da valorização de peculiaridades regionais puramente brasileiras. Nessa esteira, tornou-se importante eleger um representante nacional. Pelos registros da e na história oficial do Brasil, assim como pela

teoria literária, sabemos que os críticos e os escritores de literatura encontraram no indígena a expressão legítima do movimento literário que fora chamado Romantismo brasileiro. À vista disso, temos a figura representante de um herói nacional.

José de Alencar, no romance *Iracema* com primeira edição publicada em 1865, apresenta de maneira poética o primeiro encontro do europeu com os povos nativos. Segundo podemos observar pelo romance recém-mencionado, o contato entre as duas raças não aconteceu de maneira pacífica, devido ao comportamento, considerado selvagem, dos indígenas. Essa premissa permite-nos compreender que embora a busca por uma identidade brasileira tornou o fruto da mistura entre o indígena e o branco, o autêntico representante do povo brasileiro, o olhar lançado aos nativos via narrativa do romance *Iracema* é feito em uma relação de inferioridade. Essa união entre diferentes povos provocou um hibridismo social, cultural e linguístico que ainda permanece atualmente no Brasil.

Um século após ao Romantismo, chegamos ao período denominado de Modernismo. Neste período, os escritores partiram do que conheciam sobre o período romântico e se voltaram para a ideia de (re)construção de uma identidade da cultura brasileira. Nesta perspectiva, os escritores propunham repensar a cultura brasileira, procurando revisar tradições e, assim, eliminar qualquer apego aos valores estrangeiros. O propósito dos modernistas seria manter a visão nacionalista, porém, uma visão mais crítica em relação à realidade brasileira.

Em *Macunaíma*, publicado em primeira edição em 1928, Mário de Andrade trata da questão do hibridismo cultural em busca de uma identidade moderna brasileira. *Macunaíma*, a personagem principal do romance, entra em confronto com o ideal de civilização paulistana da época. Tal ideal, por sua vez é influenciado pelos modelos europeus. Mário de Andrade cria o mito do nascimento das três raças, construindo a imagem de um país miscigenado. Todavia, o indígena e o negro são vistos como raças inferiores, uma vez que devem se adaptar aos costumes e a cultura do colonizador – branco.

Ambos os autores dos romances citados acima buscavam por meio da literatura uma figura que pudesse representar o herói nacional brasileiro. Conforme apresentamos anteriormente, as duas obras foram escritas em momentos históricos diferentes, a primeira – *Iracema* – pertence à literatura romântica, a segunda – *Macunaíma* – pertence à literatura moderna. No entanto, elas trazem traços semelhantes em relação à racionalização da cultura indígena e sua hibridização, como a supervalorização da cultura euro-americana branca em detrimento de outras culturas como a latino-americana, sobretudo, indígena e negra.

Segundo Canclini (1999), a hibridização cultural é fruto da influência mútua entre a cultura indígena e a cultura elitista. Embora em *Iracema* José de Alencar trate o tema com maior “polidez”, no romance está clara a ideia de abandono da cultura indígena e adoção de um novo pensamento guiado pelos colonizadores. Em *Macunaíma*, apesar de muitos esforços em enfatizar os aspectos culturais tipicamente nacionais, não se pode deixar de perceber as influências da dominação europeia sobre os costumes dos indígenas. Assim, tanto José de Alencar como Mário de Andrade trazem nos romances a criação de um modelo de identidade para o Brasil, a partir de uma lógica teórica eurocêntrica, por meio da qual se racionaliza a cultura indígena.

1 A racionalização começa no contato entre duas etnias

No romance *Iracema*, logo no primeiro contato entre as personagens protagonistas, é possível perceber vestígios da forma como o pensamento racional da sociedade europeia perpetuava sobre o comportamento dos indígenas. Na narrativa, ao perceber que foi atacado por uma mulher, o europeu se lembra dos ensinamentos religiosos que conheceu em sua cultura. Em contrapartida, expõe-se a cultura do indígena como selvagem, sem sensibilidade para conviver com outras pessoas, haja vista que não tinha uma religião, a cristã. Conforme descreve Alencar, “o moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d’alma que da ferida” (ALENCAR, 2000, p. 21).

Nessa descrição, é revelada a necessidade de racionalização da cultura do outro para obter domínio sobre ele. É possível compreender que apenas os indivíduos que tem educação religiosa cristã possuem valores morais elevados e, por isso têm a alma mais sensível. Nega-se o pensamento dos indígenas e a racionalidade dentro de sua própria cultura. Mesmo invadindo o espaço do outro, o europeu é quem possui o pensamento racional legitimado. O indígena era e continua sendo visto como alguém que precisa ser cristianizado, em virtude de sua selvageria e de seus “maus costumes”.

Quando o personagem Poti se converte ao cristianismo, temos mais uma vez indícios da cultura dominante sobre a cultura marginalizada. Conforme foi narrado no romance, “Poti foi o primeiro que ajoelhou aos pés do sagrado lenho; não sofria ele que nada mais o separasse de seu irmão branco. Deviam ambos ter um só deus, como tinham um só coração” (ALENCAR, 2000, p. 89). Poti deixa seu estado puro de crença, de pensamento, para seguir o pensamento do homem branco. O invasor europeu não aceita o nativo tal como ele é, com a sua maneira de pensar, com o seu comportamento, com as suas regras, com as suas crenças, enfim, com

sua maneira cultural de se manifestar. Assim sendo, o colonizador utiliza a catequização para, na verdade, dominar todo esse povo.

O domínio europeu e sua racionalização são demonstrados ao longo de todo romance alencariano analisado. Há algumas passagens na narrativa que exemplificam mais vestígios do poder da cultura europeia sobre a indígena. Um deles aparece, por exemplo, no momento em que Iracema trai o segredo da jurema e vai embora acompanhando o jovem europeu. Assim como Poti, a protagonista representa o nativo que deixa os seus costumes para viver os costumes do outro. “A filha dos Tabajaras já deixou os campos de seus pais” (ALENCAR, 2000, p. 55). Mais uma vez, fica evidente o indígena renunciando sua cultura em favor de outra.

Esses apontamentos retomam um Brasil colonial e pós-colonial em que os colonizadores europeus – crédulos de obterem uma cultura melhor do que qualquer outra – desconsideraram qualquer condição de convívio com os indígenas que não fosse dirigida pelas relações de poder impostas por eles mesmos, os donos desse poder. Assim sendo, entendemos que os portugueses racionalizaram a cultura indígena brasileira. Tal racionalização que perdura até o momento, mantendo a cultura indígena menor, segregada.

Em Macunaíma, podemos observar a racionalização e também a construção de um sujeito híbrido, que para sobreviver precisa ser “transformado” em homem branco. Não é uma transformação literal, mas uma mudança no pensamento do indivíduo reprimido. As metáforas presentes em torno da narrativa de Mário de Andrade contribuem para a compreensão da maneira em que a sociedade marginalizada deve se comportar e assim, se manterem entre as pessoas cuja cultura é favorecida.

Macunaíma torna-se um sujeito híbrido, uma vez que ao deixar seu lugar de origem ele precisa conceber a forma de pensar daqueles com os quais conviverá em seu local de destino, “quando o herói saiu do banho estava branco louro e de olhos azuizinhos, água levara o pretume dele. E ninguém não seria capaz mais de indicar nele um filho da tribo retina dos Tapanhumas” (ANDRADE, 2004, p. 40). García Canclini (1999) considera o processo de hibridação como algo positivo, pois segundo ele, garante a sobrevivência da cultura indígena. A ruptura da pureza dessa cultura pode lhe tornar mais rica com aspectos de outra.

Por outro lado, Stuart Hall (2005) e Homi Bhabha (1998) consideram que o hibridismo é um processo marcado por relações de poder em que os participantes estão em posições distintas. Segundo Bhabha (1998), não se trata apenas de adaptação, mas também de um choque entre as culturas. Para Hall (2005, p. 74) “trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua

indecidibilidade”. Dessa forma, o indivíduo não se encontra totalmente na cultura do outro, falta algo para completá-lo, representá-lo.

Mário de Andrade evidencia esse hibridismo através do discurso de Macunaíma, que mesmo “inserido” dentro dessa nova sociedade não se viu parte dela, pois tem sua própria constituição cultural: “Paciência, manos! Não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização europeia de certo esculhamba a inteireza do nosso caráter” (ANDRADE, 2004, p. 108). O herói reconhecia que a submissão aos costumes europeus mudaria os costumes locais, “então Macunaíma não achou mais graça nesta terra. (...) Macunaíma cismou meio indeciso, sem saber se ia morar no céu ou na ilha de Marajó” (ANDRADE, 2004, p. 157).

Macunaíma já não era mais o mesmo por causa das intervenções culturais eurocêntricas vivenciadas com o tempo. “O herói de nossa gente” se encontrou vencido sem forças para viver na cidade e também para se reintegrar totalmente à sua tribo. Desse modo, ele acredita que a sua única alternativa é morrer. A morte de Macunaíma representa a morte de sua tribo, que por sua vez representa a morte da cultura indígena. No encontro entre duas culturas, é preciso ser híbrido e viver no entre-lugar. Macunaíma ficou no entre-lugar, tornou-se híbrido sócio culturalmente, porém não resolveu o impacto que envolveu as duas culturas. De acordo com Hall (2005, p. 21), “uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida”.

Embora Mário de Andrade negue o pensamento racional europeu enfatizando a crença mística em passagens como, “... Maanape resmungava: _Caboclo de Taubaté, cavalo pangaré, mulher que mija em pé, libera nós Dominé! E empurrava a comida. Maanape era feiticeiro” (ANDRADE, 2004, p. 116), o romance representa um Brasil que na modernidade ainda continuava com a mesma condição de colônia, em que o domínio pertencia aos brancos.

No decorrer da obra literária, podemos observar que o herói Macunaíma, vai se tornando cada vez mais híbrido, mais distante de sua originalidade. Macunaíma se aperfeiçoou nas duas línguas, o brasileiro falado e o português escrito. Mário de Andrade cita a diversidade linguística presente na comunicação brasileira apresentando o próprio português como duas línguas em que a falada contém misturas com as línguas regionais e a escrita possui um modelo padrão europeu:

nas conversas, utilizam-se os paulistanos dum linguaajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. (...). Mas si de tal desprezível língua

se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surgem o Homem Latino de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, muito próximo da vergiliana, no dizer dum panegerista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! (ANDRADE, 2004, p. 80).

Ademais o autor mantém, ao longo da narrativa, palavras indígenas, demonstrando variações linguísticas presentes na língua portuguesa falada no Brasil desde o seu “descobrimento” e que permeia a atualidade. Compreendemos esse “descobrimento” consoante com os apontamentos de Dussel (1994, p.8), quando o autor esclarece que “de todas maneras, ese Outro no fue ‘des-cubierto’ como Outro, sino que fue ‘en-cubierto’ como ‘lo Mismo’ que Europa ya era desde siempre”. Nesse sentido, não houve um descobrimento, mas um encobrimento da cultura do Outro. Contudo, a diversidade linguística não exclui o fato de que,

a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como meio dominante de comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais, como, por exemplo, um sistema educacional nacional. Dessa e de outras formas, a cultura nacional se tornou uma característica-chave da industrialização e um dispositivo da modernidade. (HALL, 2005, p. 49).

Em Iracema, Alencar também faz uso da língua indígena na construção de sua narrativa, demonstrando a mesma diversidade linguística já apontada. A língua é um fator determinante para a concretização do domínio do colonizador. Na descrição da cena do recebimento do batismo de Poti, temos a representação da importância da língua para a concretização da supremacia do outro. A narrativa mostra que Poti “recebeu com o batismo o nome do santo cujo era o dia e do rei a quem ia servir, e sobre os dois o seu, na língua dos novos irmãos” (ALENCAR, 2000, p. 89).

2 Pensamento decolonial, racionalidade e literatura

O pensamento decolonial é oposicionista ao processo colonizador. Ele representa uma resistência à colonialidade do poder, do ser e do saber. De acordo com Grosfoguel (2007), do século XVI até ao XXI, o processo de colonização continua através da colonialidade desses três pilares supracitados. Essa visão eurocêntrica e universalista de religião, da civilização, do desenvolvimento e do regime político dominou o imaginário dos povos indígenas e por extensão dos negros que eram trazidos como escravos para o Brasil. Em contrapartida, a decolonialidade rompe com essa forma de dominação e exploração através de um pensamento outro, baseado no respeito e na valorização da diversidade local.

Nos romances analisados, o indígena é idealizado e assume uma condição submissa para viver em comunhão com o branco – colonizador – assim, ele deixa a sua cultura para viver a do outro. Em *Iracema*, o sofrimento desse processo é camuflado pela história de amor entre as personagens Iracema e Martim. Por outro lado, em *Macunaíma* podemos notar como é doloroso para o colonizado, o modo de inserção de uma nova cultura imposta pelo colonizador. No romance *Iracema*, o representante da nação brasileira é fruto da mistura entre o branco e o indígena. Desse modo, nos permitimos questionar, por que não pensar o indígena – ainda que na literatura – com a valorização da sua cultura? José de Alencar “mata” Iracema e junto com ela também morre a sua cultura. Esta é deixada para trás com a partida de Martim com o seu filho para Portugal.

De acordo com Quijano (2014), a racionalidade está associada à racialização, pois ambas fazem parte do mesmo processo de dominação e exploração dos indígenas realizado pelo colonizador europeu. Segundo o autor, antes de tudo, na relação entre raças se trata de dominação. Logo, Quijano (2014, p. 99) aponta que “a Europa é civilizada. A Não-Europa é primitiva. O sujeito racional é Europeu. A Não-Europa é objeto de conhecimento”. Outros povos, que não os europeus, como por exemplo, os latino-americanos, são vistos como grupos sociais de menor valor. Indivíduos que devem se manter sob as regras de condutas consideradas civilizadas por aqueles que mantêm o pensamento dominante.

A racionalidade colonizadora assumiu uma proporção de controle da cultura indígena de maneira em que os indígenas foram dominados para ajustarem o seu comportamento a um sistema associado ao modelo “ideal” de comportamento europeu. De acordo com Hall (2005), o pensamento moderno Cartesiano, totalmente racional, deu origem ao sujeito individual, provido de uma identidade fixa e unificada. Nesse sentido, a conquista do outro através da subjugação era propícia, porque o mais importante era o pensamento racional.

Como dissemos, José de Alencar poetiza seu romance por meio do relacionamento amoroso entre Iracema e Martim. O autor mostra a personagem Iracema como uma guerreira, que enfrenta sua própria tribo para defender o amado português. Apesar de Iracema ser a personagem central do romance, é o estrangeiro Martim que termina como herói da trama. O jovem que viera de um lugar tão distante, nada conhecia dos costumes daquelas terras. Mesmo assim, conseguiu subjugar a cultura do povo a qual sua amada pertencia.

O traço fictício predominante na literatura, não exclui o pensamento elitista formado pela colonização. De acordo com Quijano (2014), esse pensamento perdura através da colonialidade do pensamento subjetivo daqueles que foram educados sob a sua hegemonia. Para Ítalo Calvino (1990, p.13) “há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos

pode dar”. Corroborando com esse autor, Lois (2010, p.30) afirma que: “as palavras da literatura revelam seu poder naquilo que há de mais humano em nós: a metáfora e a capacidade de transcender a realidade”. Para explicar o alcance da literatura para a vida, seu poder de revelação e também de humanização, Compagnon (2009, p.50) ressalta que: “a literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia [...] porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim, ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes”.

Assim, de acordo com o descrito por Fernando Teixeira de Andrade na apresentação do Romance *Iracema* publicado em uma edição do ano 2000, José de Alencar foi muito repreendido “por narrar histórias em que o indígena – dentro de uma visão europeia e cristã – é subjulgado e/ou destruído” (2000, p. 08). Assim sendo, compreendemos, por um lado, que Alencar fez uma crítica, embora de maneira mesclada às metáforas e à linguagem romântica trabalhada no texto, à maneira com que o indígena era visto e tratado pelos colonizadores europeus. Para Andrade (2000, p. 08), ele reconheceu artisticamente em *Iracema*, “a submissão e destruição do nativo”. Por outro lado, podemos compreender que José de Alencar, homem do seu tempo estava preso à lógica do pensamento eurocêntrico, deixando os rastros de uma formação sócio-histórica pautada na colonialidade do poder, do ser e do saber. Isto é, a descolonização das terras brasileiras não garantiu a descolonização cultural do seu povo.

Em *Macunaíma* é possível entender que Mário de Andrade faz uma paródia do romance *Iracema*. Em alguns trechos de sua obra, como “No fundo do mato virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite”, (ANDRADE, 2004, p. 13), o autor faz alusões à *Iracema*, criticando a visão romântica e poética acerca do indígena, apresentada por José de Alencar, como no trecho a seguir: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu *Iracema*. *Iracema*, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira” (ALENCAR, 2000, p. 20).

Mário de Andrade busca apresentar um herói sem influências do colonizador. Seu texto possui marcas que revelam características do folclore, mitos e lendas brasileiras. No entanto, esse herói, ainda que possua atributos considerados culturalmente brasileiros, carrega influências de um colonizador que se faz presente através da colonialidade do saber como modelo de cultura ideal. Assim, *Macunaíma*, “herói de nossa gente” (ANDRADE, 2004, p. 13), se desloca de seu habitat, perde sua identidade, usa outra língua, torna-se outro.

Nos dois romances em análise, chamamos a atenção para a maneira como o pensamento racional eurocêntrico contribuiu para a destruição da cultura indígena brasileira. Ao construir a ideia de nação brasileira a “nação” indígena foi desconstruída, porque lhe foi retirado os três pilares bases que formam a cultura nacional, quais são: “as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança”, (HALL, 2005, p. 58). A formação de uma cultura nacional pautada pela racionalidade do colonizador europeu deixou marcas profundas, deslocando a cultura indígena para um campo periférico. Desse modo, a sociedade indígena foi transformada em uma sociedade marginal, fora do contexto nacional idealizado pelos nacionalistas e deslocado de sua origem.

Conclusão

A subjugação do indígena representou muito mais que a simples colonização de exploração de recursos naturais. Apesar da independência e da criação do Estado-nação, a dominação/escravização do povo importou uma colonialidade do saber que perpetuou uma colonização subjetiva. O indígena, vítima desta subjugação, tornou-se um indivíduo híbrido social e culturalmente, sendo um exilado em sua própria terra. O colonizador não reconhece que a cultura do outro pode ter sua própria racionalidade, impondo a sua como a única verdadeira.

A racionalização, que está presente nos romances *Iracema* e *Macunaíma*, faz parte de um processo colonizador que legitima a colonização da América Central e do Sul. Conquistar o “indígena selvagem” se fazia necessário para a dominação total europeia. Assim, reconhecemos ser fundamental a descolonização do saber para que haja a revalorização da cultura indígena e dos povos latino-americanos. O pensamento eurocêntrico já não é mais uma referência indiscutível. É passada a hora de buscarmos novas formas de pensarmos nossas culturas locais.

Após a independência, o Brasil, como outros Estados-nação constituídos na América Latina, continuou subjugado ao poderio hegemônico eurocêntrico, mantendo-se subalternizados à cultura do outro - colonizador. Mignolo (2003) chama a atenção para revalorização da cultura local, e para romper com a superioridade epistemológica eurocêntrica. Assim, haveria a possibilidade de os indígenas terem sua soberania, a partir de uma desestruturação da colonialidade do ser, do saber e do poder, que juntas tem subjugado não só os povos indígenas, mas todos os habitantes da América latina.

Referências

ALENCAR, José de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2000.

ANDRADE, Fernando Teixeira de. Apresentação. *In*: ALENCAR, José de. **Iracema**. Rio de Janeiro: Objetivo, 2000.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte/ Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.

BHABHA, Home K. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DUSSEL, Enrique. **1492 el encubrimiento del Otro**: Hacia el origen del “mito de la Modernidad”. La Paz: Editores Plural, 1994.

GROSFOGUEL, Ramón. Descolonizando los universalismos occidentales: el pluri-versalismo transmoderno decolonial desde Aimè Césaire hasta los zapatistas. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago. GROSFOGUEL, Ramón. (Orgs.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LOIS, Lena. **Teoria e prática da formação do leitor**: leitura e literatura sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais. Projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

QUIJANO Aníbal. Colonialidade do poder e Classificação social. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, LDA, 2014.

Marks of the deconstruction of Brazilian indigenous culture in the works Iracema and Macunaíma

Abstract

In this article, we aim to discuss the process of rationalization of Brazilian indigenous culture imposed by the Portuguese colonizer. For that, the practices of social and cultural relations present in the romantic literature of José de Alencar in *Iracema* and in the modern literature of Mário de Andrade in *Macunaíma* will be listed. Both works are part of the Brazilian canon published at different historical moments, however, both represent the post-colonial period of search for the representation of a Brazilian literary identity. From this perspective, we analyze the explorer's relationship with the culture, race and religion of the other - the exploited. For this analysis, it is necessary to carry out a socio-historical reading through decolonial thinking. Thus, we understand that the decolonization of thought involves the valorization of local culture at the expense of exogenous culture, promoting the recognition of knowledge and deconstructing the homogeneous readings of abstract universalist thought.

Keywords

Indigenous culture. Literature. Rationalization. Identity formation.

Recebido em: 19/08/2022

Aprovado em: 23/11/2022